

**ESCOLA E FESTA CÍVICA - APROXIMAÇÕES NUM CONTEXTO RURAL
PORTUGUÊS (AVINTES, VILA NOVA DE GAIA) ENTRE 1890 E 1920*****SCHOOL AND CIVIC FEAST - APPROACHES IN A PORTUGUESE RURAL
CONTEXT (AVINTES, VILA NOVA DE GAIA) BETWEEN 1890 AND 1920******ESCUELA Y FIESTA CÍVICA - ENFOQUES EN UN CONTEXTO RURAL
PORTUGUÉS (AVINTES, VILA NOVA DE GAIA) ENTRE 1890 Y 1920***Eva BAPTISTA¹José António Martin Moreno AFONSO²

RESUMO: A freguesia de Avintes, na viragem para o século XX, assistiu à progressiva passagem de um espaço rural para um outro onde já são visíveis os índices de industrialização e a consolidação do sector comercial começa a ser vincada. Avintes apresenta todavia uma peculiaridade: congregou diferentes individualidades - capitalistas, “brasileiros”, maçons, professores,... - unidas no seu interesse pela educação popular e a dinamização cultural. É numa conjuntura de mudança económico-social favorável ao desenvolvimento da escolarização que pretendemos abordar, com uma dupla objetivação, via a realização das festas escolares. Como pressupostos, vincamos, por um lado, que estas festividades acompanharam o processo de alfabetização, levado a cabo a partir da segunda metade do século XIX, estando associadas à valorização do mérito individual e ao envolvimento das populações nas vantagens da Escola, no caminho do progresso e da cidadania, aliás como foi sendo plasmado na legislação educativa. Por outro lado, destacaremos que a filantropia educativa impulsionava estas manifestações cívicas, enquanto modalidade de afirmação de autonomia da sociedade civil. Com a República, há um esforço pela modificação da cultura escolar a vários níveis e as festas emergem, então, num contexto de alternativa laica e de substituição de antigos símbolos e de rituais. Com esta dupla entrada, pretendemos, então, sinalizar, com base num estudo de caso, como num espaço em mudança, a escola foi apoiada, pelas elites locais, e apropriada pelas classes populares, sendo a festa cívica (nas suas metamorfoses) uma das vias para compreender o processo de escolarização em contexto rural.

Palavras-chave: Espaço rural; festa cívica; filantropia; Vila Nova de Gaia.

ABSTRACT: *The parish of Avintes, at the turn of the 20th century, saw the progressive transition from a rural area to another one where industrialization indexes are already visible and the consolidation of the commercial sector is beginning to be marked. However, Avintes has a peculiarity: it brought together different individuals - capitalists, “Brazilians”, Freemasons, teachers,... - united in their interest in popular education and cultural dynamism. It is in an environment of economic and social change favorable to the development of schooling that we intend to approach, with a double objectification,*

¹ Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) / Faculdade de Letras - Universidade do Porto, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6880-9656>. E-mail: evacristinabaptista@gmail.com

² Instituto de Educação (IE) / Centro de Investigação em Educação (CIED) - Universidade do Minho, Portugal. ORCID: 0000-0002-7061-306X. E-mail: jafonso@ie.uminho.pt

via the holding of school feasts. As assumptions, we emphasize, on the one hand, that these festivities accompanied the literacy process, carried out from the second half of the 19th century, being associated with the valorization of individual merit and the involvement of the population in the advantages of the School, in the path of progress and citizenship, in fact as it was being molded in the educational legislation. On the other hand, we will highlight that educational philanthropy promoted these civic manifestations, as a form of affirmation of civil society's autonomy. With the Republic, there is an effort to change school culture at various levels and the festivals then emerge in a context of secular alternative and replacement of ancient symbols and rituals. With this double entry, we intend, then, to signal, based on a case study, as in a changing space, the school was supported, by the local elites, and appropriated by the popular classes, being the civic party (in its metamorphoses) one of the ways to understand the schooling process in a rural context.

KEYWORDS: *Rural space; civic feast; philanthropy; Vila Nova de Gaia.*

RESUMEN: *La parroquia de Avintes, a comienzos del siglo XX, fue testigo de la transición progresiva de una zona rural a otra donde los índices de industrialización ya son visibles y la consolidación del sector comercial comienza a marcarse. Sin embargo, Avintes tiene una peculiaridad: reunió a diferentes individuos - capitalistas, "brasileños", masones, maestros,... - unidos en su interés por la educación popular y la dinamización cultural. Es en un entorno de cambio económico y social favorable al desarrollo de la escolaridad que pretendemos abordar, con una doble objetivación, a través de la celebración de las fiestas escolares. Como supuestos, destacamos, por un lado, que estas festividades acompañaron el proceso de alfabetización, realizado a partir de la segunda mitad del siglo XIX, estando asociadas a la valorización del mérito individual y a la implicación de la población en las ventajas de la Escuela, en el camino del progreso y de la ciudadanía, de hecho, tal como se estaba moldeando en la legislación educativa. Por otro lado, destacaremos que la filantropía educativa promovió estas manifestaciones cívicas, como una forma de afirmación de la autonomía de la sociedad civil. Con la República, se hace un esfuerzo por cambiar la cultura escolar en varios niveles y las fiestas luego emergen en un contexto de alternativa secular y reemplazo de símbolos y rituales antiguos. Con esta doble entrada pretendemos, entonces, señalar, a partir de un estudio de caso, como en un espacio cambiante, la escuela fue apoyada, por las élites locales, y apropiada por las clases populares, siendo la fiesta cívica (en sus metamorfosis) una de las formas de entender el proceso de escolarización en un contexto rural.*

Palabras clave: *Espacio rural; fiesta cívica; filantropía; Vila Nova de Gaia.*

Introdução

A festa escolar transcende as paredes da escola. Consiste numa reunião social de carácter solene, previamente planificada, que congrega a população docente e discente, a comunidade e as elites locais.

Estas manifestações de carácter cívico tiveram a sua génese na Revolução Francesa e, desde logo, assumiram uma tríplice função - educativa, política e ideológica. «Numa palavra: a festa visava a endoutrinação» (PINTASSILGO, 1998, p.178).

Em Portugal, o ritualismo cívico resulta da combinação de três elementos – positivismo, republicanismo e “regeneração” (*id.*, p. 199) em marcha, entre finais do século XIX e princípios do século XX, como alternativa aos tradicionais símbolos da Monarquia e do Catolicismo, tidos como os grandes causadores do estado de decadência nacional. Objetivava-se a criação de novas formas e espaços de sociabilidade e de um novo imaginário popular (*id.*, p. 257).

O impulso para a realização de festividades escolares caminhou lado a lado com a consolidação do Liberalismo e com a luta contra o analfabetismo. Por um lado, verificava-se a necessidade de motivar a população para a instrução, sem a qual não era possível “regenerar” a sociedade e acompanhar o Progresso. E, por outro, os burgueses chegados ao poder, iam difundindo a sua cultura, herdeira do positivismo, propugnando a valorização do mérito e produzindo novas formas e espaços de sociabilidade.

À benemerência educativa individual veio juntar-se a associativa, a partir das últimas décadas do século XIX. Também a legislação, emanada a partir da década de setenta, veio a criar uma rede organizativa e operativa de incentivo e apoio à instrução, onde o momento da distribuição de prémios assumia um momento de destaque. Por sua vez, as Comissões de Beneficência Escolar constituíram os “braços” da lei ao nível geográfico paroquial.

É, porém, o Decreto da Direção Geral de Instrução Pública, de 19 de setembro 1902 (art. 53.º a 58.º), que vai enquadrar com mais detalhe este estímulo e determinar a realização de sessões solenes na presença do subinspetor ou seu representante, aos alunos que se distinguissem pela assiduidade, comportamento e aproveitamento. Os prémios consistiam num louvor público, na inscrição em quadro de honra e na oferta de estampas e de livros.

Com a implantação da República, estas manifestações cívicas vão adquirir especial importância. A “festa” passa a constituir um pretexto, uma ocasião para a prática de novos rituais, para o uso de novos símbolos, num espaço (escola primária) fundamental para a republicanização da sociedade. E, dentro deste quadro celebrativo, a “Festa da Árvore” irá assumir lugar de destaque.

Em Vila Nova de Gaia, a referência mais antiga que se conhece a este tipo de beneficência educativa refere-se ao 5.º conde de Resende, Luís Benedito de Castro

Pamplona, que instituiu três prémios destinados aos melhores alunos da escola que fundara, em 1869 (MONCÓVIO, 2016). Porém, a solenização destes atos vai tomar novo impulso a partir da década de oitenta pela mão do Clube de Gaia que criará dois prémios escolares: o prémio «Luís de Camões» (1881) e o prémio «Soares do Reis» (1883).

Apesar de estimulados e enquadrados pela lei, os vários prémios criados surgiam, sobretudo, por via da benemerência individual. Numa notícia do *Comércio de Gaia* José Diniz dos Santos³ (1954) traz à memória as antigas sessões solenes de distribuição de prémios escolares, que se efetuavam na sala de sessões da Câmara Municipal do concelho, por alturas da abertura dos anos letivos, com enorme afluência de professores das diversas freguesias⁴ que, ali, iam ver distinguidos muitos dos seus discípulos.

Esses prémios tiveram origem em diversos legados instituídos, entre outros, por António Joaquim Borges de Castro (visconde das Devesas), António Manuel da Fonseca e Caetano Pinho da Silva. Mas, outros filantropos, ainda em vida, impulsionaram e apoiaram a educação dos seus conterrâneos, quer no centro do município (por exemplo, o prémio «António da Rocha Romariz», aos alunos da Escola do Torne⁵), quer nos arredores, como o caso do prémio instituído pelo avintense João Manuel Gonçalves, que cria dois prémios escolares para estímulo da educação feminina (GONDIM, 1892, p. 5-6).

Descendo ao nível da freguesia de Avintes (mas tendo presente o Concelho de Vila Nova de Gaia) gostaríamos de pontualizar algumas questões que são nucleares para se compreender a amplitude – e porventura a especificidade – dos processos de transformação social.

³ José Dinis dos Santos (1888-1971), nasceu em Santa Marinha, fez instrução primária na Escola do Torne e, mais tarde frequentou as Escolas Raul Dória e Oliveira Martins, onde concluiu o curso de contabilista. Foi secretário municipal, mutualista, colaborador de jornais (*A Luz do Operário*, *Jornal de Gaia*, *Comércio do Porto*, *Comércio de Gaia*, *O Tripeiro*) e músico amador. Publicou *Resenha Histórica de Cale, Vila de Portugal e Castelo de Gaia e Mosteiro da Serra do Pilar* (CONDE, 2018, p. 228).

⁴ Até ao advento do Liberalismo, “freguesia” era sinónimo de paróquia, o que significava que a estrutura administrativa civil não estava separada da divisão eclesiástica. Com a reforma administrativa de 18 de Julho de 1835, surge a estrutura civil autonomizada da estrutura eclesiástica, independentemente dos seus limites territoriais, serem coincidentes com os das paróquias eclesiásticas, Com a Lei n.º 621, de 23 de Junho de 1916, as paróquias civis passam a designar-se freguesias (e a Junta de Paróquia passa a designar-se Junta de Freguesia), fixando-se assim a diferença entre a estrutura civil (freguesia) e a estrutura eclesiástica (paróquia).

⁵ Estudando as festas de uma escola protestante gaiense, constatámos que desde a criação da Escola do Torne a festa escolar representava não só um forte momento de interação com a comunidade escolar, mas também de vinculação das elites e dos poderes locais e estatais, o que significa que para além das crispações ideológicas, religiosas e jurídicas, este espaço escolar foi apropriado por diversos atores como uma possibilidade de reformar ou regenerar a sociedade (AFONSO; SILVA, 2015).

Uma dessas interpelações situa-se ao nível da denominada sociedade civil. O conceito é proteiforme e frequentemente resulta na bifurcação entre uma história intelectual do próprio conceito e uma história social e política dos próprios atores, o que acarreta projetar sobre o passado as concepções contemporâneas sobre a sociedade civil, redundando em análises que evidenciam posições teóricas anacrónicas. O protagonismo das elites é subestimado enquanto contributo imprescindível para a criação de um repertório de saberes para conhecimento do mundo social, moral e político – que ultrapassa tensões ideológicas ou outros antagonismos identitários –, configurando uma reforma social que se expressa (ou ganha materialidade) em instituições de recorte inovador, associações de diversa índole cultural ou em redes que sustentam a modernidade, que nas sua linguagens abarcam a defesa da democracia liberal e propõem novas sociabilidades. É a criação de um campo reformador⁶ que ganha vida justamente nesta freguesia, nas suas diversas dimensões, em torno da Escola. Se pensarmos ao nível concelhio veremos a exemplar génese da Creche de Santa Marinha, recentemente estudada por Eva Baptista (2018). Ao convocarmos esta questão estamos convictos que conseguimos ultrapassar muitas das limitações que reduzem as dinâmicas de filantropia a meras ações de beneficência das elites, esquecendo deliberadamente os contributos para regularem as desigualdades sociais e culturais.

Daqui resulta uma segunda questão: a transformação do território, ou seja a paulatina passagem do rural para uma paisagem de contornos urbanos, ainda que incipientes. Este fenómeno acarreta, nomeadamente, clivagens no território, com o surgimento de zonas onde se esboça uma industrialização, a par com uma característica urbanização; mas, a correspondência com reestruturações na estrutura produtiva e na propriedade é uma realidade com efeitos na composição das classes sociais.

Ao longo do século XIX, estas transformações ditaram que se tornassem cada vez mais visíveis, entre outras, as situações de exploração do trabalho infantil e feminino, os problemas de saúde, de habitação e de consumo, a condição operária (incluindo os assalariados rurais), que, inevitavelmente, potenciaram as migrações pendulares para freguesias vizinhas e a cidade do Porto, importantes polos de atração, e impactaram a crónica emigração.

⁶ O conceito de campo reformador significa o esforço de atores sociais, com posições ideológicas e religiosas contrastantes ou mesmo antagónicas, mas que se congregam na fundação de instituições com missões essencialmente sociais, ver Baciocchi *et al.* (2014) e Topalov (2015).

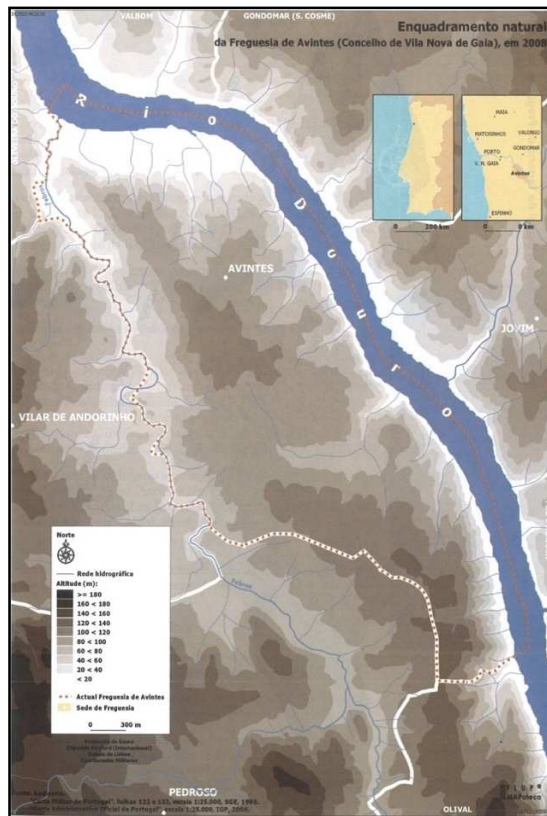
Na específica morfologia de Avintes, terra ribeirinha de um importante curso de água – o rio Douro –, mas com um acentuado relevo, a perda de importância de algumas zonas rurais vai-se tornado nítida e a ascensão de outras zonas aproxima-as ao periurbano. Este contraste é exponenciado pela construção da estrada (em meados de oitocentos) que literalmente divide a freguesia a meio.

Estas dinâmicas territoriais estão patentes na tensão entre o analfabetismo e a lenta apropriação pelas classes populares (que ganha diferentes matizes, tendo em conta que é uma das faces da recomposição social que se verifica) da escola. A oferta escolar (ainda que débil) expressa o possível investimento, do município gaiense e das elites locais, em proporcionar um distinto destino social aos avintenses.

É, provavelmente, desta virtuosa equação que tentaremos esboçar algumas pistas de análise, sabendo, contudo, que representam um tempo em que se aliam diferentes atores sociais com o objetivo de proporcionarem um horizonte cultural estribado numa pragmática visão do desenvolvimento social e económico.

Educação e Filantropia em Avintes

Figura 1 - Situação geográfica de Avintes.



Fonte: COSTA, VAZ e COSTA, 2009, p. 13.

E eis aí a obra-prima da freguesia de Avintes! O seu melhor título de glória, a mais eloquente afirmação do seu progresso – o edifício escolar!

A construção deste edifício, levada a cabo à custa de enormes sacrifícios, e à força de muita abnegação e trabalho, marca um período novo na história da freguesia de Avintes; e por ela se poderá avaliar, o quanto pode este povo quando se compenetra bem dos seus deveres, procura melhorar as suas condições, fazendo progredir a sua terra. (GONDIM, [1990], p. 60).

Este era o sentir republicano da época, neste caso, o de Inocêncio Osório Lopes Gondim, natural de Avintes, uma freguesia que escapava ao isolamento do interior do concelho pela proximidade ao rio Douro. Filho de um professor diplomado, médico de profissão, das grandes vozes proto republicanas gaienses, chegando a ser presidente da sua vereação em alvares da República⁷.

A sua dissertação inaugural, apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto – *Luz natural e artificial das escolas* – insere é uma -se no contexto do movimento higienista verificado em Portugal na segunda metade do século XIX e princípios do século XX, e que visava ensinar a sociedade a viver segundo novos hábitos, profiláticos e favorecedores de boa saúde em casa, no trabalho, na escola e na rua. Nesse estudo deixa perceber a sua adesão aos ideais positivistas que o republicanismo português veio a herdar. Na sua opinião, a Revolução Francesa tinha trazido a Liberdade e esta a difusão da instrução nas massas populares que, por sua vez, estimulou o desenvolvimento das ciências, das artes, da indústria e do comércio. «Um sistema de instrução pública bem organizado é certamente o mais poderoso meio de fazer prosperar um povo, de guardar e consolidar a sua liberdade» (GONDIM, 1887, p.19-20). Na sua convicção era: «indispensável a vulgarização da instrução» (GONDIM, 1892, p. 1), porque o povo com o Liberalismo tinha sido chamado a intervir diretamente no seu destino. São perceptíveis o entusiasmo e a esperança que via na escola e na educação, conducentes a uma sociedade mais igualitária e pacífica:

Auxiliai, pois, o desenvolvimento das escolas! Edificai-as, multiplicai-as até ao infinito! Difundi por toda a parte a instrução! Levai-a sobretudo às últimas camadas sociais, àquelas que mais precisam de luz!

⁷ Após a implantação da República, foi presidente da comissão administrativa municipal Manuel Ferreira de Castro, que apenas presidiu a duas sessões, tomando posse Inocêncio Osório Lopes Gondim, em 27.10.1910. Sobre as suas práticas em favor da saúde e instrução, vd. Conde, 2010, p. 5.

Abri as portas das escolas, que se fecharão um dia as portas das cadeias! Ensinaí os desprezados da fortuna, e tombarão de vez a força e a guilhotina! Fazei calar bem fundo no ânimo do Povo as noções de Justiça e do Direito, e extinguir-se-á a maior monstruosidade que a raça humana tem praticado desde o seu berço – a guerra! (GONDIM, 1892, p. 8).

Gondim defende a necessidade de a escola desenvolver o espírito, mas também o corpo (GONDIM, 1887, p. 20) e tece considerações sobre doenças do foro oftalmológico, ortopédico e psicológico que se podem desenvolver face à falta de condições adequadas na sala de aula (*id.*, p. 29-58), detendo-se na questão da luz (*id.*, p. 59-93):

Pois o edifício que uma aldeia destas apresenta aos seus alunos, a 150 crianças, que hão de vir a ser um dia 150 cidadãos da pátria, era até agora uma casa que serviu em tempos antigos de cadeia, e que recebia a luz e o ar por duas pequenas janelas! Depois quando esta espelunca já ameaçava ruína, quando a chuva já entrava a jorros pelo telhado, e o soalho carcomido e esburacado estava já quase intransitável, mudaram então a escola para uma casa que pertencia a um convento, e que recebe a luz por uma janela só! 150 alunos escrevem e leem á luz que lhes fornece uma superfície de 2 metros quadrados!

Logo por baixo, e contíguo á escola, fica o cemitério da freguesia [...] (*id.*, p. 25).

Com efeito, à luta contra o analfabetismo juntava-se a luta por espaços de aula condignos e adequados à prática do ensino-aprendizagem. Neste contexto, chegavam à escola questionários que inquiriam sobre a posição das janelas e as condições de luz das salas, sobre a eventualidade da existência de vizinhança «inconveniente para a higiene ou moral» e sobre a cubagem das salas⁸ e as escolas que iam sendo edificadas ou adaptadas, passam a incorporar materiais para o melhoramento das condições de conforto e de higiene na sala de aula e, ainda, materiais pedagógicos com vista à educação de hábitos saudáveis⁹.

No território em estudo, verifica-se que grande parte das escolas, funcionava em instalações alugadas, sem condições para a função educativa e que a rede escolar estava,

⁸ O professor em funções na escola do Palheirinho, Augusto Ladeiro, responde que a casa tem uma só sala para aula; as condições e luz são boas, e a posição das janelas é ao norte, sul e oriente; a casa da escola é isolada, não tem jardim nem vizinhança incómoda; a cubagem da escola é de 398m³, sendo a relação da cubagem da sala da escola com a frequência de 5 a 6m³ de ar por aluno (ADFG/EP – Livro de Correspondência expedida (1897-1905), 18.01.1905 e 21.01.1905).

⁹ Como aconteceu na escola supracitada: três transparentes (para graduar a luz das janelas), 3 escarradeiras, um tapete em capacho e iluminação a gás (para o curso noturno), em 1907; lavatório completo, em 1911; uma coleção de quadros de propaganda antialcoólica, em 1916, vd. ADFG/EP – Inventário de mobília escolar. Avintes (1902-1931).

na maioria dos casos, desajustada às necessidades da população. No início do século XX, em Vila Nova de Gaia, apenas seis das suas vinte e três freguesias tinham escolas oficiais em instalações. Avintes, no entanto, era uma dessas seis freguesias do Concelho de Vila Nova de Gaia, com edifícios próprios para as escolas – “construídas pelas respectivas juntas de Paróquia”, como se pode ler nos *Breves apontamentos ...* (1907, p.45) – de Cabanões (“Um só edifício com habitações para o sexo masculino e o sexo feminino”) e do Palheirinho, só para o “sexo masculino”, ambas situadas no núcleo urbano da freguesia. Estas escolas percorreram um caminho educacional paralelo e cooperativo nas primeiras décadas das suas existências (BAPTISTA, 2017b).

Em termos concelhios (*id.*, p.43) a rede pública (ou como então se designavam, “Escolas oficiais do Conselho”) compreendia 21 escolas primárias para o sexo masculino, 14 para o sexo feminino e 3 mistas, que beneficiavam de material de ensino e mobiliário, fornecidos pela edilidade.

Um par de notas contextualizam o cosmos avintense na dimensão social. Nesta perspetiva, destacaremos que em finais de oitocentos, as quatro freguesias gaienses, com maiores taxas de industrialização, configuravam um fenómeno com características tendencialmente urbanas; assim (e por ordem decrescente) identificam-se Santa Marinha com 68,8% das empresas industriais, Mafamude com valores na ordem dos 14,4%, seguindo-se Avintes com 9,6% e, por último, Oliveira do Douro com 3,2% (GUIMARÃES, 1997, p. 137). Nos dois últimos censos do século XIX (1890 e 1900), esta freguesia era a terceira mais populosa do concelho, com uma densidade populacional a rondar os 451 habitantes por Km², uma superfície de 163,50 Km², valores que se mantiveram constantes, e dentro dos mesmos intervalos, nos anos posteriores, atestados nos *Breves apontamentos estatísticos dos Serviços Municipaes* [do Concelho de Vila Nova de Gaia] ..., para os anos de 1905, 1906, 1907 e 1909. Nesta mesmas fontes informativas, podem-se encontrar dados sobre o analfabetismo que se cifra nos 71%, rondando os 39% na população masculina e 61% na população feminina, relativamente à população que “sabe ler” verifica-se a mesma disparidade: 63% na população masculina para uns 37% na população feminina, declararam “saber ler”.

Mas a pressão demográfica não determinou por si só a construção de escolas. Espelha também gestos caritativos comuns nesta época que visavam promover o progresso e minimizar as desigualdades sociais. Assim, se explica aqui a coexistência de

ensino privado¹⁰, no qual se destaca a escola gratuita para meninas, fundada em 20 de janeiro de 1870, por Manuel Lopes da Costa Soares¹¹, onde chegaram a estar matriculadas 90 alunas, com uma frequência diária de cerca de 60 (GONDIM, [1990], p. 86).

Na viragem para o século XX, Avintes vivia uma conjuntura económico-social favorável ao desenvolvimento da instrução. A proximidade ao rio atraiu e permitiu, aqui, o desenvolvimento dos setores secundário e terciário, conforme atestam os estudos realizados por Barbosa da Costa; José Vaz; Paulo Costa (2009, p. 233-234). No *Livro de Registo de Matrículas* da escola do Palheiro onde se registaram as profissões dos pais dos alunos, verifica-se uma ínfima quantidade de atividades relacionadas com o setor primário. Com efeito, a instrução tornava-se uma ferramenta indispensável para as profissões que emergiam num contexto de desenvolvimento da Indústria, do Comércio e dos Serviços, estas transformações na estrutura produtiva vão em definitivo consolidando a passagem de uma freguesia eminentemente rural para um espaço com perímetros já industriais e profissões com contornos urbanos.

Também, como constatarem os autores atrás referidos, as necessidades sociais aqui sentidas em finais de Oitocentos foram, em parte, socorridas pelos “brasileiros” que contribuíam para a causa “Educação” dos seus conterrâneos. Essas dádivas materializaram-se em subscrições promovidas em Avintes e/ou no Brasil, em legados testamentários e em doações, cujo capital foi investido na criação de escolas, na aquisição de mobiliário, pagamento dos professores e no sustento das crianças mais necessitadas.

¹⁰ Cerca de 1875, Avintes tinha os seguintes professores particulares espalhados pelos lugares da freguesia: Joaquim Pereira Pinto Tavares - Outeiro; Esperança Gonçalves de Oliveira - Areias; António Alves Pereira - Padrão Vermelho; José Rodrigues de Oliveira - Rua Nova; Clementina Amália Viana Coelho – Cabanões. Vd. Corrêa, 1991, p.668-670.

¹¹ Deixou em testamento a verba de 10.000\$000 reis nominais, cujo rendimento, acrescido de 20\$000 anuais provenientes de um foro, se destinava à remuneração de uma professora que lecionasse o ensino primário e costura; e, à educação, vestuário e sustentação de 4/5 meninas, menores e órfãs, desde os 6 até aos 16 anos, em regime de internato. Segundo a descrição de Gondim, esta aula: «é uma sala quadrada, de 7,5 m por lado, e de 3 m de altura, iluminada por 6 janelas e 2 portas». Cerca de 1919, o rendimento deste legado chegava, apenas, para custear a educação de 3 crianças (GONDIM, [1990], p. 85, 86). Sobre a história desta escola, vd. Conde, 2012, p.17-20.

Tabela 1 - Filantropia Escolar em Avintes, na viragem para o século XX.¹²

Benemérito	Estabelecimento/ Investimento Educativo
Adelino Gonçalves Gomes	Escola Democrática; escola do Magarão
António Alves Moreira	Manutenção de uma escola
Inocêncio Osório Lopes Gondim	Propagandista da instrução; Comissão de Beneficência Escolar (pres.)
Isidoro Marques Rodrigues	Escola de Cabanões
Francisco Marques Rodrigues Júnior	Aula Gratuita; escola de Cabanões; escola Manuel da Costa Soares; aulas de Francês; escola do Palheirinho
Joaquim dos Santos Guimarães	Escola da Mata
João Manuel Gonçalves	Escola do Palheirinho; prémios escolares (estímulo da educação feminina)
Joaquim de Oliveira Lopes	Escola da Aldeia Nova
José Caetano Pereira dos Santos	Escolas de Avintes
Manuel Alves de Araújo Lima	Escola feminina (instalações gratuitas por período determinado)
Manuel Alves Pinto	Escola em Aldeia Nova (instalações e sustento da escola)
Manuel Lopes da Costa Soares	Escola Costa Soares para educação de meninas órfãs
Manuel Francisco Pereira	Escolas de Avintes (melhoramentos)
Manuel Gomes Júnior	Escolas de Cabanões e Palheirinho

Fonte: COSTA, VAZ e COSTA, 2009, p. 325-326; 538-542.

Continuando neste “clima” favorável ao desenvolvimento da educação em Avintes, há que salientar o papel das Comissões de Beneficência Escolar, regulamentadas a partir da década de setenta do século XIX, e que tinham por fim facilitar e impulsionar por todos os meios possíveis a instrução popular. À data da sua constituição, em 1906, a comissão de Avintes, era composta por José Joaquim da Silva Valente, José Pinto da Silva Júnior, Dionísio Alves Pereira, Joaquim de Sousa Carvalhal, Manuel Francisco Alves Barbosa e António de Oliveira Reis. Através de uma carta enviada por esta comissão ao subinspetor do Círculo de Gaia, é possível perceber os objetivos deste grupo: solicitar o auxílio da beneficência particular e a constituição de um fundo escolar a partir dos legados efetuados em prol da instrução em Avintes, a fim de se fornecer livros às crianças pobres (considerado como primeira necessidade), de estabelecer um prémio para os alunos que realizassem o exame de instrução primária – os signatários afirmam a dado passo: «Seria isso de grande alcance prático, ensinando a criança a arcar com as dificuldades do estudo e diminuindo a má vontade de muitos pais, (que vergonha é dizê-lo) chegam muitas vezes a estorvar e até a opor-se a que os filhos sejam propostos a exame!» - prémios de frequência, de aproveitamento, de bom comportamento, e, ainda, vestir algumas das

¹² Este quadro reúne alguns exemplos de personalidades ligados a Avintes que investiram no desenvolvimento da instrução e escolarização desta localidade. Os indivíduos a destaque são aqueles que tiveram relações com o Brasil.

crianças mais pobres. Esta missiva, mais do que apresentar o programa da comissão é um voto fundamentado de protesto em relação à incorporação dos legados no Fundo Geral da Instrução Primária.

É de conhecimento de todos quanto são frequentes entre nós estes honrosos desvelos particulares pela instrução pública [...]. A intenção de beneficiar a escola estimulando o ensino, base fundamental do progresso, seria cabalmente preenchido pelos fins desta Comissão e não fazendo reparos materiais no edifício; porque estando a cargo da Câmara Municipal que tem obrigação de os fazer, o dispêndio em obras resultaria em benefícios do cofre municipal, e nunca da terra que foi diretamente contemplada. Além de que, uma vez despendidos os legados em reparos secundários, a memória desses legados desaparecia em pouco tempo, sem deixar de si vestígio algum, ao passo que, incorporadas em fundo de beneficência escolar, ali ficariam sempre de pé, como perpétuo testemunho e padrão do patriotismo avintense¹³.

Ainda neste contexto de filantropia educativa, falta mencionar a influência da Maçonaria, uma organização que se encontrava na vanguarda das questões sociais e que teve um papel relevante na educação popular, fosse sob o impulso e/ou investimento continuado das suas Lojas ou, através dos seus membros em instituições e na sua área profissional. A difusão do ensino, sobretudo ao nível das classes mais desprotegidas, foi sempre uma preocupação para a Maçonaria. Aliás, as estruturas criadas ou por ela apoiadas tiveram sempre características inovadoras e de qualidade pedagógica-científica.

O padre Manuel Francisco dos Santos (morador no lugar de Balsa) e o benemérito Isidoro Marques Rodrigues foram já indicados como pertencentes à Loja “União Portucalense” por Francisco Ribeiro da Silva (1997, p.54-55). No decurso de recentes investigações sabemos que, entre 1901 e 1909, existiu o Triângulo n.º 23, do REAA (MARQUES, 1986: 132), fundado por Adelino Gonçalves Gomes, Higino Augusto de Sá e Castro e Manuel Pinto de Araújo Lima.

¹³ AJFA – Livro para copiar a correspondência da Junta de Paróquia [1906-1912], 20 de março de 1906.

Tabela 2 - Maçons em Avintes na viragem para o século XX.

Adelino Gonçalves Gomes	Natural de Avintes, médico, fundador do Triângulo de Avintes
Belmiro Pereira Pêgas	Natural de Avintes, médico, iniciado na Loja Liberdade e Progresso/Porto, nome simbólico - «Maceo»
Eduardo de Oliveira Figueiredo	Natural do Porto, vive em Avintes, farmacêutico, membro da Loja Independência/ Porto, nome simbólico - «Saint-Just»
Higino Augusto de Sá e Castro	Natural de Ferreira do Zêzere/Santarém, morador na rua Formosa no Porto, farmacêutico em Rego Pinheiro/Avintes, instalador da Loja Obreiros do Progresso, fundador do Triângulo de Avintes
Isidoro Marques Rodrigues	Natural do Maranhão/Brasil. A família tinha propriedades em Avintes. Membro da Loja Maçónica “União Portucalense”
Manuel Pinto de Araújo Lima	Natural de Avintes, empregado do Banco de Portugal, iniciado na Loja Liberdade e Progresso/Porto; fundador do Triângulo de Avintes, regularizado na Loja Portugália/Porto, nome simbólico - «Aristóteles»

Fonte: Informações recolhidas no Arquivo do Grande Oriente Lusitano. Os nossos agradecimentos ao Professor António Ventura e à Dr.^a Helena Serpa.

É conhecida a ação de Adelino Gomes em *prol* do progresso da sua terra natal, na esteira do que seu pai, Manuel Gomes Júnior, havia feito durante largos anos na presidência da edilidade local. Está ligado à criação da “Escola Democrática”, da qual foi diretor, inaugurada em 20 de novembro de 1907, tendo as matrículas sido realizadas na farmácia «Confiança». Esta escola previa o funcionamento de um curso diurno misto e de outro noturno, ministrados por professores da Associação das Escolas Móveis, pelo Método João de Deus, um processo de aprendizagem rápido da leitura e da escrita, para ser ministrado, principalmente, em locais recônditos e de altas taxas de analfabetismo. Sabemos que teve aqui pelo menos duas Missões: a primeira terminou em março de 1908; e, a segunda em julho (Associação de Escolas Móveis pelo Methodo João de Deus [...] 1909, 1909, p. 116-117).

A designada «Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, Bibliotecas Ambulantes e Jardins-Escolas» tinha fortes laços com a Maçonaria. Eram subscritores desta associação os seguintes avintenses: José de Oliveira Ribeiro, Manuel Alves Pinto, Inocêncio Osório Lopes Gondim, Adelino G. Gomes, Manuel Pinto d’Araújo Lima, Salomão Pereira Viana, José Marques Alfama (*id.*, p. 67-68).

Para terminar, uma rápida nota sobre o associativismo avintense. Importantes núcleos de sociabilidade vão-se constituindo ao longo de 1800, compondo uma capital rede associativa, que gradualmente abrange, essencialmente, os âmbitos do cultural, do lazer e dos festivais, do desporto, da assistência e do mutualismo (COSTA; VAZ;

COSTA, 2009, p. 518 *sq.*). A vitalidade e o entrosamento com a comunidade avintense das associações é uma das marcas identitárias da freguesia que, seguramente, contribuiu para fomentar e estimular os processos de escolarização e, justamente neste sentido, a ação associativa confundiu-se com a própria missão da escola.

A festa escolar em Avintes. Notas preliminares

Num contexto com horizontes culturais significativos e onde o empenho das elites locais é paulatinamente notório, as ritualizações cívicas de âmbito escolar remontam, pelo menos, à “Festa da Árvore de Natal”, realizada a 25 de dezembro de 1891, promovida pelo Clube Recreativo Avintense, e que ocorreu na Escola de Cabanões. E, não será por acaso, que Osório Gondin a designou como a primeira “festa da instrução”, com missões perfeitamente identificadas. Por um lado, pretendia fomentar entre as crianças o gosto pela escola, camuflando-se «o livro num brinquedo» para se aproveitar a própria natureza da criança e estimulá-la para o trabalho. Por outro, impressionar a comunidade e, assim, lutar contra o absentismo e apelar à cooperação dos pais das crianças no processo educacional dos seus filhos (GONDIM, 1892, p. 2-3).

A família e a escola, o pai e o professor, o exemplo e o livro, eis os dois fulcros sobre os quais se há de operar o aperfeiçoamento moral e intelectual do homem. A aula debaixo deste ponto de vista é o complemento do lar: no lar opera o exemplo, na escola o ensino; no lar a prática, na escola a teoria. Estes dois elementos auxiliam-se, corrigem-se, e podem até suprir-se mutuamente. (*id.*, p. 5-6).

Já António Conde (2010) se referiu aos ideais educativos de Osório Gondim. Filho de um professor primário e republicano convicto, é um otimista em relação às questões da educação popular. Ainda na sua tese inaugural, enfoca a necessidade de dotar as salas de aula com condições de salubridade e conforto. Noutros escritos, *a posteriori*, deixa expressas as vantagens da aprendizagem escolar no processo que acreditava ser a marcha para a perfeitabilidade humana. A abertura de escolas daria lugar ao encerramento das cadeias e à fraternidade universal.

Abri as portas das escolas que se fecharão um dia as portas da cadeia! Ensinai os desprezados da fortuna, e tombarão de vez a força e a guilhotina! Fazei calar bem fundo no ânimo do Povo as noções da Justiça e do Direito, e extinguir-se-á a maior monstruosidade que a raça humana tem praticado desde o seu berço – a guerra!

[...] Quando enfim a Paz reinar sobre a terra, e do ferro do último canhão se fizer a enxada, a máquina, a caldeira, a humanidade no seu cântico triunfante, terá palavras de bênção pelas gerações passadas, pela geração de hoje, por todos nós, que contribuímos com o pouco que podemos, para escalar a pirâmide olímpica do Ideal!... (*id.*, p. 8).

É, no entanto, na primeira década do século XX, que as festas escolares vão atingir proporções processionais com toda a pompa e cerimónia. Eis uma descrição do evento, no jornal *O Portucalense*, datada de 12 de dezembro de 1906:

A festa das crianças!

Bela e simpática debaixo de todos os pontos de vista, a festa escolar que aqui se realizou em 14 de corrente! – Francamente, não conheço outra que vise a um tal humanitário fim!

Por isso encontrou, no peito de todos o acolhimento que merecia, realizando-se com a máxima imponência e solenidade. [...]

Às 11 horas da manhã reuniram todas as crianças dos dois sexos que frequentam as escolas de Avintes, em número aproximado a 300 – na escola do Palheirinho, onde entoaram o hino das escolas acompanhadas da orquestra da freguesia, que amavelmente se prestou e tão distintamente soube desempenhar o seu lugar. – Principiou a desfilar o cortejo às 11 horas e meia, aberto pelos alunos da escola do palheirinho (que ostentava um rico e sumptuoso estandarte) levando à frente a orquestra, seguindo-se-lhes os alunos das outras escolas, também com o respetivo estandarte, precedidos do presidente e vogais da comissão de beneficência oficial, regedor da freguesia, comissão de cavalheiros e senhoras pertencentes ao grupo de beneficência, e bem assim todas as Associações da freguesia – Socorros, Montepio, Club, etc. – representadas pelos seus presidentes, e secretários, também com seus respectivos estandartes, fechando o cortejo uma banda de música.

- Os prédios que davam para a rua por onde o cortejo passou, estavam ornamentados.

As escolas estavam artisticamente enfeitadas; o dia convidava, e as crianças, com suas toiletas vistosas, punham a todo este conjunto de gala uma nota alegre e entusiasta!... O povo afluía numa concorrência enorme, animado por uma curiosidade indiscreta; a festa era nova – era das crianças, e essas crianças eram seus filhos; por isso a ansiedade redobrou. Tudo correu na melhor ordem, pode dizer-se; houve, porém, um pequeno incidente, motivado pela enorme aglomeração de povo, dando ensejo a protestos, - porque, afinal, a sala não comportava a décima parte da gente que desejava assistir-. Aberta a sessão, passou-se à distribuição de prémios oficiais e do «grupo de beneficência» aos alunos que fizeram exame. Com bastante correção e clareza recitaram diversas crianças, que foram muito aplaudidas. Usaram da palavra, o Exmo. Snr. Presidente, Dr. José da Silva Valente, D. Maria Francisca de Sá e o Snr. Augusto Ladeiro. Para não prolongar demasiadamente a

sessão, e porque as crianças se começavam a achar incomodadas num recinto tão pequeno para tanta gente, sendo por isso difícil conservar o silêncio, não faltaram alguns oradores que, ao que nos consta, para isso estavam preparados, dentre eles os Exmos. Snrs. Dr. Óscar, Dr. Osório e D. Ernestina Augusta Guimarães. No final da sessão, a Exma. Snra. D. Carlota Campos Carneiro de Melo fez a agradável surpresa de oferecer generosamente 30 blusas, já confeccionadas, a outras tantas meninas pobres, a quem foram distribuídas por sorteio. A tão benemérita senhora os nossos louvores! A digna comissão de senhoras, composta das Exma. Snr.s D. Carlota Campos, D. Ernestina e D. Alcida Gomes, distribuíram, quando encerrou a sessão, doces a todas as crianças que assistiram à festa.

A todos que concorreram para abrilhantar tão simpática festa, e muito especialmente aos que tomaram parte no cortejo, como sejam: orquestra e música, que tão generosamente se ofereceram a prestar o seu valioso concurso, associações, etc. – os nossos sinceros agradecimentos. (EURICO X. & C.^a).

Estamos perante cortejos ritualísticos, embora de carácter laico, em que o conjunto cenográfico abarca desde os personagens principais (alunos com «toiletas vistosas»), às escolas e casas em redor primorosamente ornamentadas, à presença das autoridades administrativas, eclesiásticas e associativistas, enfim, à presença de uma multidão... Como observou o correspondente do jornal, o povo aderiu em número muito numeroso, dada que «a festa era nova¹⁴ – era das crianças, e essas crianças eram seus filhos».

A instauração da República, veio trazer a necessidade de modificar a cultura escolar a vários níveis e as festas passam a emergir num contexto de alternativa laica e de substituição de antigos símbolos e rituais.

Importa que se perceba que a organização das festas obedecia a toda uma máquina demopédica da República. Os professores cumpriam as diretrizes precisas que chegavam por via de circulares da Inspeção, ou até mesmo, com o auxílio de manuais de realização de festas escolares que incluíam, desde ofícios-tipo de divulgação e pedido de apoio, a sugestões para todo o programa festivo com indicação de poesias, canções e hinos a executar, como aconteceu com a “Festa da Árvore”. Pretendia-se motivar pedagogicamente os alunos e organizar participados cortejos cívicos com a presença da comunidade escolar, sob o olhar aprovador das diversas entidades públicas.

¹⁴ Foi em dezembro de 1905 que se realizou pela 1.^a vez uma festa na Escola do Palheiroinho. Foi uma iniciativa do seu professor, Augusto Ladeiro, de carácter extraoficial mas superiormente autorizada, durante a qual distribuiu a expensas pessoais prémios aos alunos (Livro de Correspondência Expedida [1905-1931]. [...]).

A nível nacional, a “Festa da Árvore” terá constituído a festividade de maior alcance nas escolas primárias (PINTASSILGO, 1998, p. 58). Teve a sua génese ainda nas vésperas da República através de um movimento cultural com vista à celebração dos benefícios da árvore e da floresta. Lembremos que o país havia sofrido uma intensa desarborização ao longo do século XIX e que a procura de madeira continuava em crescendo. Por outro lado, a árvore esteve sempre associada à ideia de regeneração, liberdade, solidariedade, conceitos muito caros à Maçonaria que, aliás, fomentou e apoiou esta celebração (GRAINHA, 1976, p. 189).

Dentro da lógica do republicanismo, a escola primária deveria ser independente de qualquer referência religiosa «considerada anacrónica e incompatível com o progresso» (*id.*, p. 256), pelo que o mote de celebração da árvore, encaixava no conjunto de estratégias com vista à substituição dos velhos rituais cívicos.

A Escola do Palheiro: uma dinâmica peculiar

A escola do Palheiro foi inaugurada em 6 de dezembro de 1897, mostrando fragilidades de construção logo no seu primeiro inverno de existência. Com efeito, a natureza da cobertura do edifício (lousa) revelou-se problemática: frágil às intempéries, permeável à água e à temperatura ¹⁵.

Através do acervo documental desta escola foi-nos possível acompanhar o historial do seu espólio, no que concerne ao mobiliário e material didático-pedagógico, desde a sua fundação até 1931. Verificamos que a escola abriu as suas portas desprovida inteiramente do material indispensável para o ensino. A primeira professora, Quitéria Júlia de Sousa, adquire a expensas próprias material diverso (de escrituração, tinteiros e tintas) e relata as dificuldades do seu trabalho, solicitando à vereação outro material que considerava indispensável:

Completamente impossível, apesar de muito trabalho, poder ensinar devidamente as crianças; sem os competentes mapas geográficos, não lhes posso ensinar corografia, se o quadro dos pesos e medidas, não lhes posso ensinar sistema métrico, etc. [...] ¹⁶.

¹⁵ ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1897-1905): 05.06.1902; 30.03.1903.

¹⁶ ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1897-1905): 03.02.1898.

Tabela 3 - Lista de material escolar requisitado pela Prof.^a Quitéria Júlia de Sousa.

«Material indispensável para a escola do sexo masculino em Avintes» (1898)	
N.º Descrição	N.º Descrição
10 Quadros parietais (Simões Lopes)	2 Mapa de Portugal, falante e mudo
1 Quadro preto	1 Coleção de sólidos geométricos
1 Contador mecânico	1 Globo terrestre
1 Quadro de pesos e medidas	2 Tinteiros
1 Caixa para o ensino prático do sistema métrico	2 Compêndios de Desenho (Simões Lopes)
1 Estojo para o ensino do desenho geométrico: esquadro, régua, transferidor e compasso	

Fonte: Livro de Correspondência Expedida (1897-1905) - ADFG/EP.

Através deste livro de inventário, embora com registos irregulares¹⁷, percebemos que as existências deterioradas pelo uso, fraca qualidade dos materiais e/ou por ataque de ratos, dificilmente eram substituídas. Inere-se, também, que o mobiliário escolar circulava entre as escolas, de acordo com as necessidades prementes¹⁸. A professora Maria de Almeida Gomes, em 1918, regista no *Livro de Inventário* a chegada de carteiras provenientes da escola móvel de Sandim, sendo que as mesmas saíram no início de 1919 para a escola feminina de Coimbrões.

Figura 2 - Augusto Ladeiro.



Fonte: <https://www.geni.com/people/Augusto-Ladeiro/6000000019869285188>

¹⁷ ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1897-1931): 1902, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1914, 1915, 1916, 1918, 1919, 1928, 1929, 1930, 1931.

¹⁸ ADFG/EP – Inventário de Mobília Escolar. Avintes (1902-1931).

Em 1903, foi aqui colocado o professor Augusto Ladeiro habilitado ao magistério primário pela respetiva escola distrital da Guarda e antigo bolsheiro no estrangeiro na Suíça¹⁹. Em 1 de janeiro de 1905, por sua iniciativa, mas superiormente autorizado, realizou na escola do Palheirinho a primeira festa escolar, com distribuição de prémios aos alunos²⁰. Em 1907, levou também a cargo a dinamização de uma subscrição para aquisição de um estandarte para a escola, que fez batizar com o nome de «Democrata» e que passou a ser exibido nos cortejos das festas escolares. Com se viu, os emblemas das instituições ocupavam aqui um lugar de destaque e, entre estes, o «rico e sumptuoso» estandarte da Escola do Palheirinho. Foi Augusto Ladeiro, a exercer o magistério desde 1902 em Avintes, que para esse fim promoveu uma subscrição²¹ e custeou metade do seu valor total (45\$000). A sua iconografia remete para a força da sabedoria (folhas de carvalho) e vitória (folhas de louro), através da instrução (livros e tinteiro) e do conhecimento (globo), pilares do progresso e da marcha para a perfeitibilidade humana (estrela de cinco pontas).

¹⁹ Como pensionista do estado, cumpriu a missão de estudo com excelência. Obteve nota máxima e, em 22.12.1908, o corpo docente das escolas Normais do cantão de Vaud–Lausanne (Suíça) reunido em sessão solene conferiu-lhe um prémio (ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1905-1931): 34-36). Nessa condição frequentara o curso da Escola Normal de Lausanne e os cursos de Psicologia, Fisiologia e Pedagogia da Universidade de Lausanne e o de Trabalhos Manuais em Lion. Em 1906 lecionou gratuitamente um curso noturno cuja iniciativa deu origem à sua oficialização e funcionamento regular.

²⁰ ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1897-1905): 34-36.

²¹ Foram subscritores para aquisição do estandarte: Cristiano Vanzeler, Henrique de Morais e Costa, Domingos da Silva Catarino, José Monteiro da Silva, Isidoro Marques Rodrigues, Francisco Fernandes da Silva Viana, Manuel Francisco de Campos, Joaquim Pinto da Costa, Eduardo Nunes da Silva, Manuel Alves Pereira, Joaquim de Oliveira Fernandes, Manuel Pinto de Araújo Lima, João Fernandes da Silva Viana, Jacinto da Silva Viana, Adolfo Marques, Manuel Gomes da Quinta, Francisco de Sousa Bandeira, Manuel de Araújo Moreira, Manuel José de Sousa, abade José Joaquim da Silva Valente, Jacinto de Oliveira Pereira, António Pereira Pedrosa de Araújo, José de Oliveira, João Vieira Gonçalves, Manuel Pereira Soares da Silva, João José de Santiago, Augusto Ferreira dos Reis, António Pinho Alves, Dionísio Alves Pereira, Alberto dos Santos, Dr. Rodrigo Óscar Ferreira, Augusto Ladeiro (fechou a subscrição com meia libra de ouro) e Morais Costa (ofereceu a seda).

Figura 3 - Estandarte.

Fonte: Pormenor do estandarte da escola do Palheirinho, foto de Fernando Liberdade, 2008 (cortesia de José Vaz).

Augusto Ladeiro considerava os prémios escolares de pernicioso efeito moral, contudo, tendo a subinspeção de Gaia requerido a listagem dos melhores alunos, o professor responde nestes termos:

É de 80 o número de alunos que matriculados no ano anterior novamente se matricularam e continuaram a frequentar esta escola no corrente ano letivo. Tantos são pois Exm.º Sr. os que julgo dignos de prémios ou todos ou nenhuns. [...] Porém, como não desejo de modo algum dar causa a complicar ou fazer atrasar o serviço a cargo de V. Ex.^a, antes ao contrário – auxiliar e tanto me for possível; – eu proponho a V.^a Ex.^a para tudo se resolver pelo melhor – distribua para a minha escola 15 prémios, os quais farei sortear pelos respetivos alunos da escola, e como não sei por enquanto a quem tais prémios poderão caber, eis a participação do facto de não enviar a relação nominal que, depois do sorteio, poderei gostosamente satisfazer, se V. Ex.^a assim o ordenar²².

O período áureo destas festividades decorreu entre 1912 e 1915. Através da documentação da escola do Palheirinho, sabemos que foram realizadas de acordo com as solenidades devidas, mas temos apenas a descrição da festa do ano de 1916, que se realizou já em contexto de crise económica. Mesmo assim, e já quando os efeitos da

²² ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1905-1931): 27-28.

Grande Guerra se faziam sentir, sobretudo a subida de preços e o desemprego²³, os professores decidiram, por unanimidade, «efetuar uma festa modesta, sem grandes exterioridades» que se descreve:

Cumprindo integralmente os desejos de V. Ex.^a e em harmonia com a suculenta doutrina da circular n.º 31, dimanada dessa inspeção, os professores, abaixo assinados nas escolas número 1, 2 e 3 [Escola Masculina e Feminina de Cabanões, Escola do Palheirinho] da freguesia de Avintes do concelho de Gaia, predispondo-se à realização da Festa da Árvore, reuniram conjuntamente a fim de procederem aos preparativos para a sua efetuação com a costumada solenidade que sempre lhe imprimiram. Analisando detidamente o melindre da atual situação económica, ponderam dolorosamente a enorme crise financeira que aflige e define os míseros operários, que são na sua maioria os pais dos seus alunos, vendo sentidamente que, além da carestia excessiva das substâncias alimentícias, o motivo destes grandes males provém especialmente das contínuas greves que os seus desastrosos orientadores conseguiram efetuar sem outras consequências, a não ser a extenuação do povo trabalhador e o esgotamento dos cofres das associações, cujos fundos deveriam ser reservados para socorrer o operariado, atenuando a crise que sobrevenha como a cooperação do nosso querido Portugal no extermínio do militarismo teutónico, espezinhador dos direitos e liberdades dos povos. Então os professores, em vista do exposto resolveram por unanimidade efetuar uma festa modesta sem grandes exterioridades, não pedindo auxílio pecuniário e quem quer que fosse, cotizando-se igualmente para as despesas que ela originar, ficando somente à espera da anunciação do dia preciso.

Apenas recebemos a circular número 36 que determinava o dia 27 para a realização da festa, tratamos imediatamente de predispor as crianças, levando-as por ensinamentos práticos, ante os viçosos arvoredos que bordam as margens do Febros, a compreender a importância moral, cívica e económica desta festa tão simples na sua essência, mas de grandiosos efeitos na valorização do solo pátrio. Convidamos, em seguida, a fazer-se representar na solenidade a Câmara municipal, junta de paróquia, club avintense e todas as agremiações quer políticas, quer mutualistas, dessa freguesia.

Pelas dez horas formou-se um cortejo organizado pelas crianças da escola número 3 com os seus professores, os alunos da I.M.P. [Instrução Militar Preparatória] com o seu instrutor e uma orquestra, o qual seguiu pela rua da Escola Central até ao edifício das escolas n.º 1 e 2. Aí formou-se novo cortejo constituído pelas meninas da escola número 2 com as suas professoras e alunos da escola número 3 com os seus professores, uma orquestra, alunos da I.M.P. com o seu instrutor, representantes da Câmara Municipal, Junta de Paróquia, Club Avintense, etc., pondo-se de marcha, seguido de muito povo, ao som da

²³ Em relatório os professores referem que os seus alunos eram na maioria filhos de operários e que estes sofriam com a crise que se atravessava. Indicam como motivos não só a carestia excessiva dos géneros alimentares, mas também as contínuas greves que a curto prazo só agravavam a situação. ADFG/EP – Livro de Correspondência Expedida (1905-1931): 15.03.1916.

Portuguesa, pela rua da Escola Central, rua do Cinco de Outubro, até ao largo do mesmo nome (Palheirinho). Aqui, o professor Joaquim Artur Teixeira de Magalhães, fez uma alocução alusiva ao ato, ao terminar, entoram as crianças acompanhadas pela orquestra o Hino à Árvore, em seguida, procedeu-se à plantação das árvores pelas meninas e meninos e alunos I.M.P., entoando as crianças no fim a Sementeira. Recolhendo em seguida o cortejo na sala da escola número 3, e ali acompanhadas pela orquestra na presença de muito povo cantaram as crianças a Portuguesa, a Maria da Fonte, o Hino à Bandeira, a Sementeira, a Esfolhada, o Viva a República e a Moleirinha de Guerra Junqueiro.

Finalmente o professor desta escola agradeceu a gentileza que todos os espectadores tiveram em assistir a uma festa tão simples, mas duma nobre e alevantada significação e de efeitos puramente educativos.

Eram duas horas, quando findou esta festa infantil, indo as criancinhas a convite de seus professores visitar os seus discípulos enfermos, confortando-os nos seus infortúnios e consolando-os do pesar de não poderem assistir à sua atraente e encantadora festa.

Era comovedor ao outro dia presenciar o belo espetáculo que davam as criancinhas, cuidando das plantas, ligando-as mais fortemente às estacas, envolvendo-as num olhar terno e afetuoso só próprio do artista que contempla o primeiro produto da sua imaginação assaz inventiva.

Este foi o relato do professor Joaquim Artur Teixeira de Magalhães, em 13 de março de 1916. Porém, uma nota posteriormente escrita, indica que «foram plantadas quatro árvores que o vandalismo destruiu», o que mostra que nem todos se identificavam com estas manifestações cívicas e atesta as tensões políticas e religiosas vigentes²⁴. Suplantando inevitáveis tensões, no relato está patente a indelével dimensão pedagógica de que se reveste esta festa, nomeadamente pela defesa do ideal de educação integral rentabilizada pelas virtualidades de uma educação pela natureza, mas, sobretudo, pelo reiterar de uma nova religiosidade cívica com os seus símbolos, cenários e agentes.

Depois de instaurada a República, a Festa da Árvore, por iniciativa maçónica, será mesmo elevada a festividade nacional. Nessa freguesia era celebrada conjuntamente com a outra escola oficial – a escola de Cabanões – sendo que os professores, em harmonia com a doutrina dimanada da inspeção escolar, motivavam pedagogicamente os alunos e organizavam participados cortejos cívicos com a presença da comunidade escolar e de diversas entidades públicas (BAPTISTA, 2017a.).

As escolas oficiais de Avintes, uniram-se, muitas vezes, para a realização destas festas cívicas de consciente e forte impacto na republicanização das massas populares e

²⁴ ADFG/EP - Livro de Correspondência Expedida (1905-1931): 15.03.1916.

na própria legitimação da República e das suas ações. É disso exemplo a cerimónia estimulada pelo então inspetor escolar, Reinaldo Vidal Oudinot, designada “Beijo-Infantil” e que consistia na entrega de um alfinete de ouro, pelas crianças das escolas, a um ex-expedicionário. Para o efeito, ficou o professor Joaquim Artur Teixeira de Magalhães, incumbido de identificar na freguesia um antigo expedicionário de África para que se lhe entregasse, em cerimónia solene, uma condecoração como forma de agradecimento e reconhecimento da sua heroicidade na defesa da Pátria. Porém, o verdadeiro alcance desta ação, estava numa «magnífica lição de civismo que lhes ir[ia] insuflar no seu espírito infantil ideias generosas, desenvolvendo-lhes o santo amor da pátria predispondo-as a heroicas dedicações»²⁵.

Para o efeito, os professores das escolas oficiais reuniram-se para planificar o evento. Definiram a data e puseram mãos à obra. Procederam a uma propaganda ativa, abriram uma subscrição, ensaiaram com as crianças a execução de hinos, canções infantis e récitas, conseguiram autorização do proprietário do local Teatro Almeida e Sousa para que aí decorresse o evento e imprimiram convites e bilhetes.

A festa reuniu as autoridades locais e muitos espetadores, que assistiram a um espetáculo verdadeiramente galvanizante:

Realizamos a festa no dia previsto, perante uma afluência de 1500 espectadores de todas as classes sociais, estando os camarotes abarrotados de cavalheiros e senhoras em destaque neste meio social [...]. Imediatamente se destacaram duas meninas cada uma com o seu alfinete e ao som da Portuguesa os colocaram na gravata de cada um dos expedicionários presentes: José Pinto de Castro, casado, ourives, que reside atualmente na rua João de Deus, de Vila Nova de Gaia, e Manuel Pereira Glória, solteiro, marmorista, desta freguesia, havendo nesta ocasião a maior manifestação que se pode imaginar: os espetadores de pé deram uma prolongada salva de palmas, ouvindo-se entusiasmados vivas às nações aliadas, a Portugal, à Pátria e à República, sendo arremessada dos camarotes sobre as crianças e a plateia uma grande profusão de flores, em verdadeiro delírio. [...] Ato contínuo, convidadas pelas professoras, desceram dos camarotes as senhoras mais gradas desta freguesia e distribuíram um pacote de doces a cada uma destas nossas criancinhas, despejando simultaneamente sobre elas torrentes de caricias. Finalmente a orquestra executou a «Portuguesa» acompanhando também as crianças em coro, e o senhor Ferreira de Guimarães, levantando-se fez um magnífico discurso encerrando a sessão²⁶.

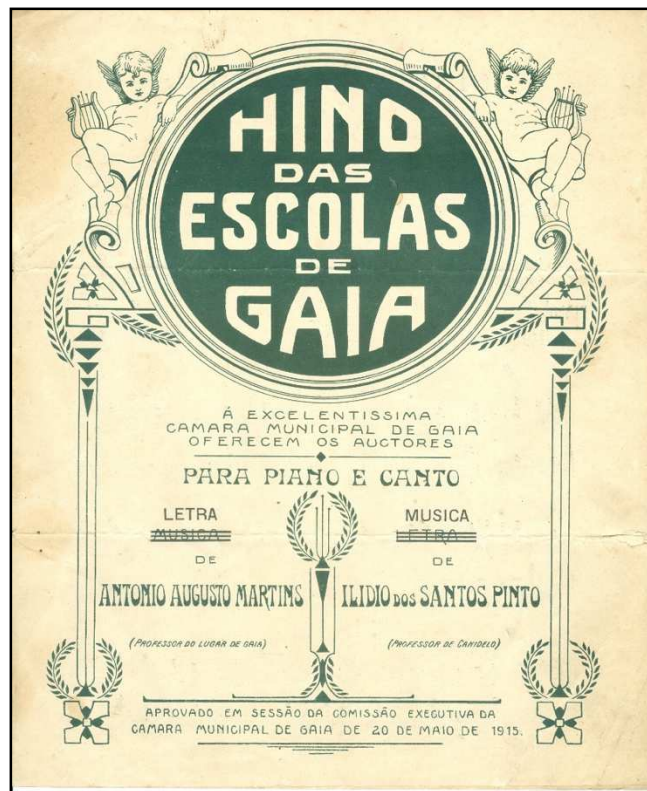
²⁵ ADFG/EP - Livro de Correspondência Expedida (1905-1931), 24.01.1916.

²⁶ ADFG/EP - Livro de Correspondência Expedida (1905-1931): 07.04.1916.

A “festa” extravasou de tal ordem o âmbito “escolar” que, posteriormente, os professores foram contactados por alguns cavalheiros para a repetir mas apenas com as crianças. Proposta que foi de imediato declinada por se entender inexecutável economicamente. Porém, o “Beijo-infantil” teve um saldo positivo que reverteu a favor de uma cantina escolar projetada pelos professores das Escolas envolvidas e que veio a chamar-se “Amor à Infância”. A possibilidade da entrada de Portugal na guerra foi um fator de divisão entre os próprios republicanos. Todavia, para muitos correligionários, a participação no conflito armado legitimava o novo regime perante a Europa e o Mundo, e no dia 9 de março de 1916, a Alemanha “honrou-os” com uma declaração de guerra. Neste contexto, a “Escola” é chamada a servir como instrumento ideológico, no sentido da preparação das mentes para a inevitabilidade da guerra e, mais do que isso, para a gloriosa defesa da Pátria:

A vida só se sente e se torna bela quando se vive uma liberdade consciente. Quer seja mão estrangeira ou mão de ditador, essa mão é sempre feita de ferro e gelo – ferro que nos tortura e escraviza, gelo que nos insensibiliza e nos mata. Sempre uma agonia a eternizar-se, mas, se temos de morrer moral e materialmente, a única maneira de bem morrer é morrer resolutamente –; E o que é a morte no campo da luta pela liberdade e pelo direito? É o sinal da Recompensa e do Repouso. Oferecer a nossa vida em defesa de nossos filhos, das nossas mães, do nosso lar, da nossa terra, é firmar a continuação da Vida. O professorado primário é hoje uma força apreciável. E ele, só ele, que deve lançar na alma da população rural e urbana um intenso banho de rigorosa luz, plena e de amor pela pátria, elucidando o povo e os seus próprios alunos de que a política alemã absorvente, teocrática, feita de crueldade e de perversões morais, acaba de nos honrar com uma declaração de Guerra. Dizer-vos que ensineis a cumprir um dever, a quem como vós, professores primários, o tendes tão inteligentemente cumprido, é uma superfluidade. É preciso sofrer com resignação heroica para vencer heroicamente – mas é preciso, também, educar bem a Dar, para encarar bem de frente, com um sorriso, o esperado sofrimento. O Receio e o Desespero é a cobardia e o esbarrondadeiro. E quem, nesta hora de incertezas para a Pátria, estimular a mentira do Preconceito, insuflando o fanatismo religioso e político, é um traidor. Ao professorado compete pois arrancar as belidas que escondem a luz da verdade. A V. Ex.^a solicito a sua colaboração inteligente e cautelosa, que pode exercer-se quer na escola, servindo-se das crianças como transmissoras para os seus lares do amor, do sacrifício que devemos à Pátria ameaçada, quer em palestras ou conferências, preparando-se assim o povo para a resistência e para a gloriosa abalada, quando o dever nos mandar que partamos²⁷.

²⁷ ADFG/EP - Livro de Correspondência recebida. Escola Elementar para o sexo masculino da freguezia de Avintes Concelho de Gaya 3.^a Circunscção Escolar (1905-1919): 25.04.1916.

Figura 4 - Hino das Escolas de Gaia.

Fonte: ADFG/EP - Hino das Escolas de Gaia, «Aprovado em sessão da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Gaia de Gaia de 20 de maio de 1915».

Cabia, pois, ao professorado preparar a população para «sofrer com resignação heroica» e aceitar «com um sorriso, o esperado sofrimento».

A partir de 1916, efetivamente, com a entrada de Portugal na Grande Guerra e a consequente queda da economia e fragilização do jovem regime republicano, a “Festa da Árvore” e, de um modo geral, a festa pedagógica vai entrar em declínio, embora não se extinga. Em Avintes será, sobretudo, encorajada por João Alves Pereira. Apesar de se manterem laivos de militância educativa em simultâneo com variados incentivos pessoais das elites e intelectuais, o certo é que o pós guerra foi bastante sofrido para as classes populares e passados poucos anos, em 1926, um golpe militar instaurou uma Ditadura Militar que, em 1933, constitucionalizou o Estado Novo, repressivo e retrógrado, que em definitivo cilindrou o elã cívico que as festas escolares representaram ao longo de trinta anos.

Algumas notas para reflexões futuras

Em síntese, assim era a “festa escolar”, na viragem do século XIX, em Avintes, Vila Nova de Gaia. Financiada por capitalistas, dinamizada e apoiada por intelectuais e maçons, a festa escolar com a passagem dos anos foi perdendo em encenação, mas ganhando em identidade, tendo sempre os professores desempenhado essa galvanização, especialmente na República com particular motivação.

A festa escolar foi uma estratégia com vista à instrução e educação popular, que nas suas metamorfoses também se declinou como um caminho da laicização e republicanização da sociedade. E simultaneamente protagonizou a apropriação da escola pelas classes populares, como uma possibilidade de mobilidade social na transição do rural para o industrial.

Provavelmente, o sucesso da festa escolar (nas suas metamorfoses) em Avintes pode dever-se a um horizonte cultural *sui generis* com a virtuosa aliança das elites locais e do associativismo como uma modalidade (na sua diversidade) de transferência democrática da cultura e da sua perpetuação através do autodidatismo, em suma uma outra forma de disseminar a educação popular.

Com este nosso ensaio, podemos começar já a entender o verso de Paul Valéry: “A árvore deixa ver o seu tempo”.

Referências

Fontes documentais

ADFG/EP - Acervo Documental Agrupamento Fernando Guedes/ Escola do Palheirinho: Correspondência Recebida na Escola Oficial de Avintes (1897-1905); Inventário de Mobília Escolar. Avintes (1902-1931); Livro de Correspondência Expedida (1897-1905); Livro de Correspondência Expedida (1905-1931). Escola Elementar para o sexo masculino da freguesia de Avintes Concelho de Vila Nova de Gaya 3.^a Circunscrição escolar; Livro de Registo de Matrículas (1914-1923)

AJFA - Arquivo da Junta de Freguesia de Avintes: *Livro para copiar a correspondência da Junta de Paróquia (1906-1912)*

Fontes impressas

Associação de Escolas Móveis pelo Methodo João de Deus. **Bibliothecas Ambulantes e Jardins-Escolas. Relatório e Contas (de 20 de maio de 1908 a 20 de maio de 1909)**. Lisboa: Imp. Typ. do Anuário Comercial, 1909.

Câmara Municipal de VILA NOVA DE Gaia. **Breves Apontamentos Estatísticos dos Serviços Municipaes nos annos de 1905 e 1906**. Gaya: Typ. de Francisco Martins Barboza, 1907.

Câmara Municipal de VILA NOVA DE Gaia. **Breves Apontamentos Estatísticos dos Serviços Municipaes no ano de 1907**. Gaya: Typ. de Francisco Martins Barboza, 1908.

Câmara Municipal de VILA NOVA DE Gaia. **Apontamentos Estatísticos do Ano de 1909**. Gaya: Tip. de Francisco Martins Barboza, 1910.

Instituto Nacional de Estatística. **Recenseamento Geral da População. Censos de 1864 (I), de 1878 (II), de 1890 (III) e 1900 (IV)**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1864-1905.

GONDIM, Innocencio Osorio. **Discurso proferido na Festa Escolar da Árvore do Natal, realisada pelo Club Recreativo Avintense nas Escolas Parochiais de Avintes em 25 de Dezembro de 1891**. Porto: Imprensa Moderna, 1894.

GONDIM, Innocencio Osorio. **Discurso proferido no Club Recreativo Avintense na Festa de Recepção oferecida ao socio benemérito João Manoel Gonçalves em 1 de maio de 1892**. Porto: Imprensa Moderna, 1892.

GONDIM, Innocencio Osorio. **Luz natural e artificial das escolas. Dissertação inaugural**. Apresentada à Escola Médico Cirúrgica do Porto. Porto: Typ. Ocidental, 1887.

GONDIM, Inocência Osório Lopes. **Avintes e suas antiguidades**. Avintes: Junta de Freguesia, s.d., 2.^a edição [1990].

SANTOS, José Diniz dos. Prémios Escolares. **Comércio de Gaia**, n.º 1193, pp. 1-4, 1954.

Fontes hermerográficas

Portucalense (O), 1907, n.º 33.

Bibliografia

AFONSO, José António; SILVA, António Manuel Silva Pinto. A Escola do Torne (Vila Nova de Gaia, Portugal, 1883-1922): As festas escolares como práticas educativas. *In*: STAMATTO, M. I. S.; NETO, O. M. M. (org.). **Práticas educativas, formação e memória**. Campinas, S. P.: Mercado das Letras, p. 15-62, 2015.

BACIOCCHI, Stéphane; DAVID, Thomas; KATZ, Lucia; LHUISSIER, Anne; MATTER, Sonja; TOPALOV, Christian. Les mondes de la charité se décrivent eux-mêmes. Une étude des répertoires charitables au XIX^e et début du XX^e siècle. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, v. 3, n. 61-3, p. 28-66, 2014.

BAPTISTA, Eva. **A Festa Escolar em Avintes na aurora do século XX**. Avintes: Abientes - Centro de Documentação e Investigação em História Local, 2017a.

BAPTISTA, Eva. A Educação em Vila Nova de Gaia (1880-1930): Projeto e Balanço do Estudo Doutoral. In: RIBEIRO, Cláudia Pinto; ARAÚJO, Francisco Miguel, *coord.* – **A História da Educação em Vila Nova de Gaia**. Porto/Vila Nova de Gaia: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» / CMG, p. 63-88, 2017b.

BAPTISTA, Eva. O papel educativo da Associação de Creches de Santa Marinha. Comunicação apresentada no II **Encontro do projeto INOVAR – Roteiros da Inovação Pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX**, 23 de fevereiro. Porto: FLUP, 2018.

BAPTISTA, Eva. **Associação das Creches de Santa Marinha. Espaço de Modernidade Educativa**. Vila Nova de Gaia: Associação das Creches de Santa Marinha/CITCEM, 2018.

BAPTISTA, Eva. Manuel Pinto Mourão. In: GUIMARÃES, J. A. G. (Coord. Geral); SOUSA, G. V. e (Coord. do vol.). **Levantamento do Património Cultural de Vila Nova de Gaia. Personalidades**. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, p. 140, 2018.

CONDE, António Adérito Alves. A precocidade das ideias educativas republicanas de Osório Gondim. Comunicação apresentada no **XXI Fórum Avintes 2010** realizado na sede da Junta de Freguesia de Avintes nos dias 26 e 27 de Novembro de 2010.

CONDE, António Adérito Alves. O “Caminho Novo” e o benemérito Manuel da Costa Soares. **Revista do Clube Recreativo Avintense**, n. 31, p. 17-20, 2012.

CONDE, António Adérito. José Dinis dos Santos. In GUIMARÃES, J. A. G. (Coord. Geral); SOUSA, G. V. e (Coord. do vol.). **Levantamento do Património Cultural de Vila Nova de Gaia. Personalidades**. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, p. 228, 2018.

CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez. Ensino Primário Privado no distrito do Porto em 1875 – dois exemplos: Vila Nova de Gaia e Baião. In: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (org.). **Ciências da Educação em Portugal: situação atual e perspectivas**. Porto: SPCE, p. 667-672, 1991.

COSTA, Barbosa da; VAZ, José; COSTA, Paulo. **De Abientes a Avintes - notas monográficas**. Avintes: Audientis, 2009.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. A instrução primária entre o abandono, a filantropia e a ação do “Brasileiros” no século XIX e XX em Portugal. In: GOMES, A. F. (org.).

Escolas, **Cultura e Identidades**. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, vol. 2, pp. 269-691, 2004.

GRAINHA, M. Borges. **História da Maçonaria Franco Maçonaria em Portugal 1735-1912**. Edição original:1913 Lisboa: Editorial Veja,1976.

GUIMARÃES, Gonçalves. **Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia**. Vila Nova de Gaia: Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia, 1997.

MARQUES, A. H. Oliveira. **Dicionário de Maçonaria Portuguesa**. Vol. I, Lisboa: Delta, 1986.

MONCÓVIO, Susana. D. Luís Manuel Benedito da Natividade de Castro Pamplona de Sousa Holstein e a escola de Canelas (V. N. Gaia), em 1869: liberalidade e costumes. **Revista de Portugal**, n. 13, p. 15-30, 2016.

PINTASSILGO, Joaquim. **República e Formação de Cidadãos. A Educação Cívica nas Escolas Primárias da 1.ª República Portuguesa**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

SANTOS, Licínio. **Cultura e Lazer: operários em Gaia, entre o final da Monarquia e o início da República (1893-1914)**. Edições Afrontamento, 2017.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **Maçons, Católicos e Autarcas (A Loja «União Portucalense» de Vila Nova de Gaia)**. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia,1997.

TOPALOV, Christian. **Charité, réforme et politique La structuration différentielle des mondes charitables à Paris et à New York autour de 1900**. TEPISIS PAPER. 2015. <http://hal.archives-ouvertes.fr/TEPISIS>

VAZ, José. O Clube Recreativo Avintense e as Elites de Avintes. **Caminho Novo**, n. 31. Avintes: Clube Recreativo Avintense, 2012.

VAZ, José. **A Escola de Cabanões: o templo da instrução - 1885**. Avintes: Abientes-Centro de Documentação e Investigação em História Local, 2015.

Enviado em: 28/07/2020.

Aceito em: 06/12/2020.

Publicado em: 13/12/2020.